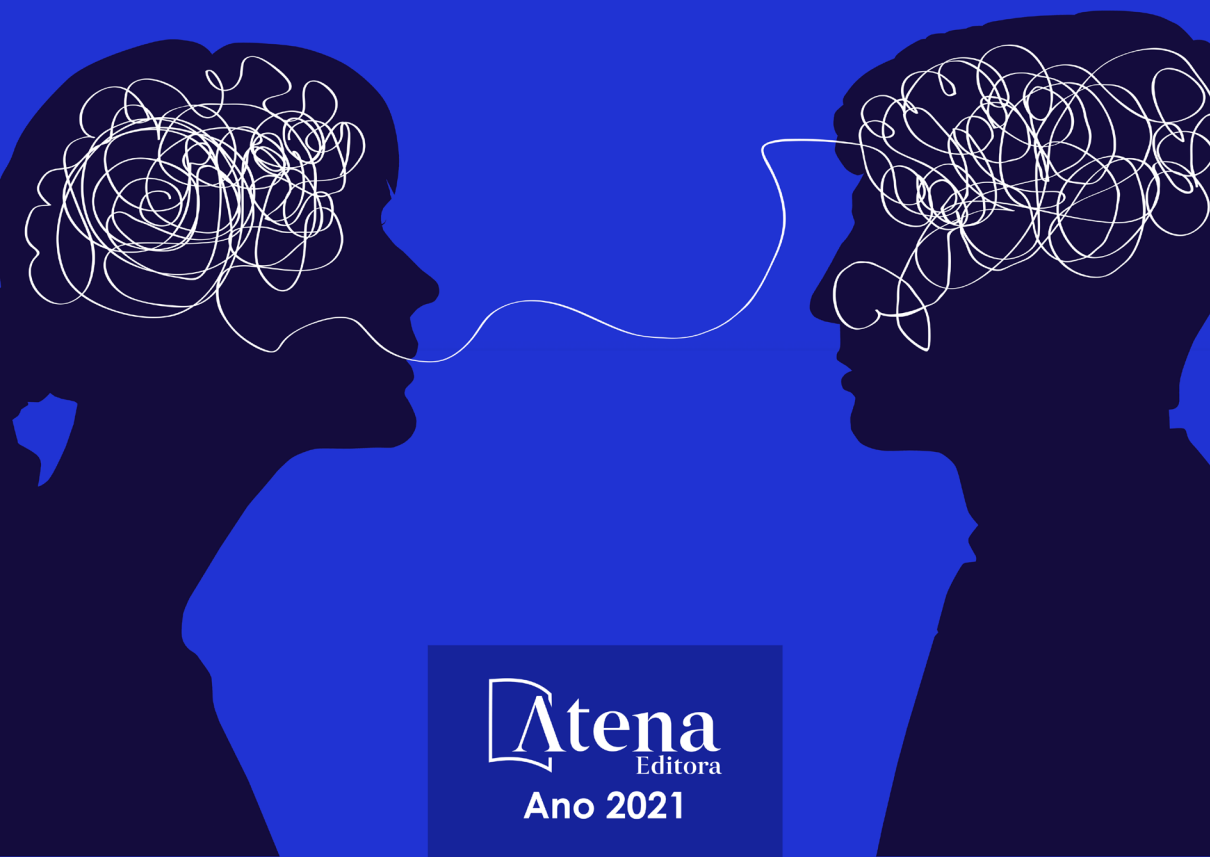


LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES: CULTURAS E IDENTIDADES 3

Fernanda Tonelli
Lilian de Souza
(Organizadoras)

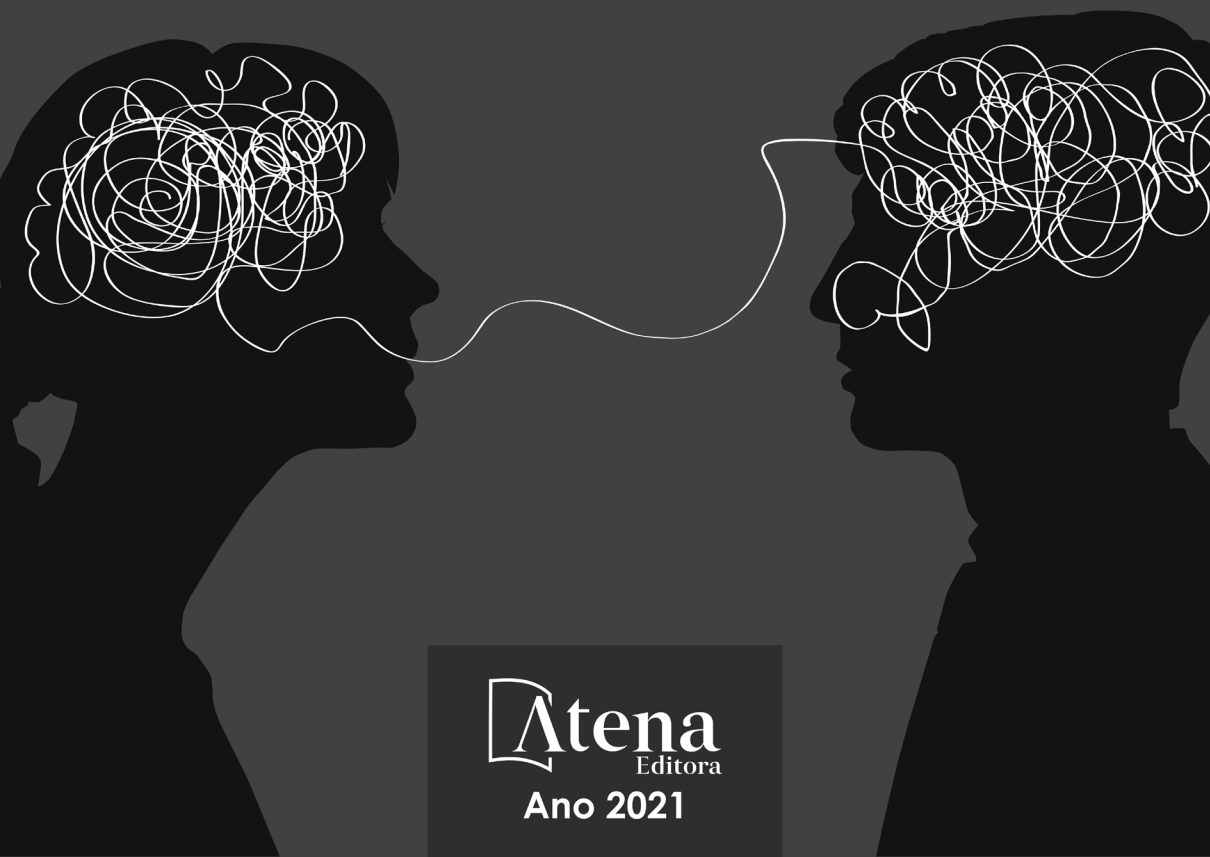


Atena
Editora

Ano 2021

LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES: CULTURAS E IDENTIDADES 3

Fernanda Tonelli
Lilian de Souza
(Organizadoras)



Atena
Editora

Ano 2021

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2021 Os autores

Copyright da Edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Prof^ª Dr^ª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof^ª Dr^ª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof^ª Dr^ª Ivone Goulart Lopes – Instituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^ª Dr^ª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof^ª Dr^ª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Prof^ª Dr^ª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof^ª Dr^ª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^ª Dr^ª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^ª Dr^ª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof^ª Dr^ª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof^ª Dr^ª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof^ª Dr^ª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Prof^ª Dr^ª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof^ª Dr^ª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Prof^ª Dr^ª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof^ª Dr^ª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido

Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília

Prof^ª Dr^ª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás

Prof^ª Dr^ª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão

Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Prof^ª Dr^ª Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina

Prof^ª Dr^ª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília

Prof^ª Dr^ª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina

Prof^ª Dr^ª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra

Prof^ª Dr^ª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras

Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria

Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia

Prof^ª Dr^ª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco

Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará

Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí

Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas

Prof^ª Dr^ª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Prof^ª Dr^ª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará

Prof^ª Dr^ª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma

Prof^ª Dr^ª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá

Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados

Prof^ª Dr^ª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino

Prof^ª Dr^ª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof^ª Dr^ª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Prof^ª Dr^ª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto

Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás

Prof^ª Dr^ª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná

Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás

Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais
Prof. Me. Aleksandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Profª Ma. Aline Ferreira Antunes – Universidade Federal de Goiás
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andrezza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar

Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Me. Christopher Smith Bignardi Neves – Universidade Federal do Paraná
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof. Dr. Everaldo dos Santos Mendes – Instituto Edith Theresa Hedwing Stein
Prof. Me. Ezequiel Martins Ferreira – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Me. Fabiano Eloy Atilio Batista – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof. Me. Francisco Odécio Sales – Instituto Federal do Ceará
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR

Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^ª Ma. Lillian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Prof^ª Ma. Lilians Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Prof^ª Dr^a Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Prof^ª Ma. Luana Ferreira dos Santos – Universidade Estadual de Santa Cruz
Prof^ª Ma. Luana Vieira Toledo – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof^ª Ma. Luma Sarai de Oliveira – Universidade Estadual de Campinas
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Me. Marcelo da Fonseca Ferreira da Silva – Governo do Estado do Espírito Santo
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Prof^ª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Prof^ª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Me. Pedro Panhoca da Silva – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Prof^ª Dr^a Poliana Arruda Fajardo – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Renato Faria da Gama – Instituto Gama – Medicina Personalizada e Integrativa
Prof^ª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco
Prof^ª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão
Prof^ª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
Prof^ª Ma. Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
Prof^ª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Linguística, letras e artes: culturas e identidades 3

Editora Chefe: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Camila Alves de Cremona
Correção: Flávia Roberta Barão
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizadoras: Fernanda Tonelli
Lilian de Souza

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

L755 Linguística, letras e artes: culturas e identidades 3 / Organizadoras Fernanda Tonelli, Lilian de Souza. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-946-2

DOI 10.22533/at.ed.462213003

1. Linguística. 2. Arte. 3. Literatura. 4. Educação. I. Tonelli, Fernanda (Organizadora). II. Souza, Lilian de (Organizadora). III. Título.

CDD 410

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa.

APRESENTAÇÃO

Esta obra concentra discussões sobre práticas e saberes pertencentes às áreas de Arte, de Literatura e de Educação. É composta de vinte e seis capítulos, com discussões (sendo muitas delas interdisciplinares) que perpassam diferentes linguagens do campo artístico, tais como literatura, cinema, música, pintura, performance, quadrinhos, entre outras. A diversidade também está inscrita nas temáticas abordadas por suas autoras e seus autores, que alinham com maestria questões relacionadas à educação, à sociedade e ao sujeito, ao mesmo tempo em que olham para elementos constitutivos da própria linguagem artística.

As discussões suscitadas nesta obra contemplam aspectos de ordem individual e coletiva e nos convidam a refletir sobre o papel da arte e da literatura como proposição, representação e resistência. Diante do quadro de pandemia que nos assola, nos enche de alento ver que arte e literatura continuam a denunciar problemas sociais, como nas discussões aqui apresentadas sobre política, a tríade racismo, machismo e patriarcado e a (des)construção das identidades, o papel dos (anti)monumentos, os embates entre tradição e modernidade e a crítica cultural.

Outrossim, os capítulos que seguem nos mostram ações possíveis ao tratar de ativismo, da presença de cotistas negros na formação docente, do combate à ansiedade na performance musical e da criação de Instaurações Cênicas para o desenvolvimento da saúde mental no período de pandemia. São temáticas tratadas tanto no âmbito educacional quanto vivenciadas no entorno social e que urgem por serem invisibilizadas em uma sociedade cujo silêncio conveniente está disseminado.

Por isso, agradecemos à Atena Editora, por propor a publicação desta obra e às autoras e autores que contribuíram aqui com seus trabalhos.

Assim, este livro é um convite às/aos estudantes, docentes, artistas e demais representantes da sociedade civil que se interessam em construir coletivamente esses diálogos plurais.

Boa leitura!

Fernanda Tonelli
Lilian de Souza

SUMÁRIO

DIFERENTES LINGUAGENS DA ARTE

CAPÍTULO 1..... 1

JAZZ, UM ESTRANHO NO NINHO DO SAMBA? (BRASIL, ANOS 1910-1960)

Adalberto Paranhos

DOI 10.22533/at.ed.4622130031

CAPÍTULO 2..... 17

MUSICOLOGIA, RACIALIZAÇÃO E RENATO ALMEIDA

Jonatha Maximiniano do Carmo

DOI 10.22533/at.ed.4622130032

CAPÍTULO 3..... 25

O MELODRAMA E A METAFICÇÃO NA NARRATIVA FÍLMICA *A ROSA PÚRPURA DO CAIRO* (1985), DE WOODY ALLEN

Mariana Alice de Souza Miranda

DOI 10.22533/at.ed.4622130033

CAPÍTULO 4..... 44

DAS TRIPAS CORAÇÃO: UM GOZO SUPLEMENTAR

Elisangela Miras

DOI 10.22533/at.ed.4622130034

CAPÍTULO 5..... 50

ARTE E IDEOLOGIA NO CEMITÉRIO DE SANTO AMARO: O JAZIGO-CAPELA DE JOAQUIM NABUCO EM FOCO

Davi Kiermes Tavares

José Paulo Seifert Brahm

Diego Lemos Ribeiro

DOI 10.22533/at.ed.4622130035

CAPÍTULO 6..... 66

AS ORIGENS DO *SMASH*: O PODER DAS ILUSTRAÇÕES QUE DÃO VIDA AO INCRÍVEL HULK

Alyssa Carolina Barbosa Marques Gedo

DOI 10.22533/at.ed.4622130036

CAPÍTULO 7..... 78

A FIGURAÇÃO DO GROTESCO EM FRANCISCO DE GOYA

Marianna Bernartt Silva

Jorge Antonio Berndt

Valdeci Batista de Melo Oliveira

DOI 10.22533/at.ed.4622130037

CAPÍTULO 8	91
“MEU NOME É_” - VIDEOINSTALAÇÃO, PERFORMANCE E ESCRITA SOBRE O CORPO EM TRÂNSITO NA CIDADE DE SÃO PAULO	
Talita Caselato	
DOI 10.22533/at.ed.4622130038	
CAPÍTULO 9	101
A CULTURA DAS DESTALADEIRAS DE FUMO DE ARAPIRACA	
Wilma Lima Maciel	
DOI 10.22533/at.ed.4622130039	
FACES DA LITERATURA	
CAPÍTULO 10	116
TEMPORALIDADE COMO PROBLEMA HISTÓRICO EM <i>A MONTANHA MÁGICA</i> , DE THOMAS MANN	
Gong Li Cheng	
DOI 10.22533/at.ed.46221300310	
CAPÍTULO 11	133
O LUGAR DA TRADIÇÃO EM UNGULANI BA KA KHOSA	
Carina Marques Duarte	
Renata Domingos Opimi	
DOI 10.22533/at.ed.46221300311	
CAPÍTULO 12	142
AS TRÊS IRMÃS, DE MIA COUTO: ANÁLISE LITERÁRIA	
Wagner Lopes da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.46221300312	
CAPÍTULO 13	154
ENTRE O CONTINGENTE E O TRANSCENDENTE: UM BREVE ESTUDO DAS OBRAS <i>APARIÇÃO E ALEGRIA BREVE</i> , DE VERGÍLIO FERREIRA	
Maria José Pinto de Carvalho	
Daniele dos Santos Rosa	
DOI 10.22533/at.ed.46221300313	
CAPÍTULO 14	173
O GUARANI – UM OLHAR PARA O PASSADO PARA A COMPREENSÃO DO PRESENTE	
Monique Berwanger	
Maristella Letícia Selli	
DOI 10.22533/at.ed.46221300314	
CAPÍTULO 15	185
A IRONIA E O SUICÍDIO COMO FIGURAS DE LINGUAGEM NA LITERATURA E NA POÉTICA DE ANA CRISTINA CESAR	
André Luís de Araújo	
DOI 10.22533/at.ed.46221300315	

CAPÍTULO 16.....	201
O SENTIMENTO DE PERTENCIMENTO NA CONSTRUÇÃO DA SUBJETIVIDADE FEMININA NEGRA NAS PERSONAGENS PECOLA DE “O OLHO MAIS AZUL” E IFEMELU EM “AMERICANAH”	
Bianca de Carvalho Lopes Barros	
DOI 10.22533/at.ed.46221300316	
CAPÍTULO 17.....	208
A EMANCIPAÇÃO DA MULHER NA OBRA “A DIVORCIADA”, DE FRANCISCA CLOTILDE	
Erika Maria Albuquerque Sousa	
Solange Santana Guimarães Morais	
DOI 10.22533/at.ed.46221300317	
CAPÍTULO 18.....	215
O JOGO FICCIONAL E A CONSTRUÇÃO DA CULPA EM <i>O ALIENISTA</i> E <i>A HORA DA ESTRELA</i>	
Angeli Rose do Nascimento	
DOI 10.22533/at.ed.46221300318	
EDUCAÇÃO E RESISTÊNCIA	
CAPÍTULO 19.....	229
A EDUCAÇÃO CONTEXTUALIZADA COMO FORMA DE MANTER A CULTURA DAS DESTALADEIRAS DE FUMO DE ARAPIRACA	
Wilma Lima Maciel	
DOI 10.22533/at.ed.46221300319	
CAPÍTULO 20.....	240
A ARTE COMO FORMA DE EXISTIR, RESISTIR E REEXISTIR	
Lucas Bezerra Furtado	
Nara Graça Salles	
DOI 10.22533/at.ed.46221300320	
CAPÍTULO 21.....	247
PSICOLOGIA DA PERFORMANCE – CONTRIBUTOS PARA A SUA INTRODUÇÃO NO CURRÍCULO DO ENSINO ARTÍSTICO ESPECIALIZADO DE MÚSICA EM PORTUGAL	
Catarina de Andrade Silva	
Helena Maria da Silva Santana	
Anabela Pereira	
DOI 10.22533/at.ed.46221300321	
CAPÍTULO 22.....	261
RACISMO NA MÚSICA: UMA PESQUISA SOBRE O RACISMO NA TRAJETÓRIA ACADÊMICA DE COTISTAS NEGROS EM UM CURSO DE GRADUAÇÃO EM MÚSICA	
Luiz Carlos Vieira Junior	
Rayssa Karoline Rodrigues Pereira	
DOI 10.22533/at.ed.46221300322	

CAPÍTULO 23	272
IDENTIDADES SOCIAIS FEMININAS EM LETRAS DE FUNK: FRAGMENTAÇÃO E NATURALIZAÇÃO	
Francisca Cordelia Oliveira da Silva	
Milena Fernandes da Rocha	
DOI 10.22533/at.ed.46221300323	
CAPÍTULO 24	291
MATERIAIS EDUCATIVOS E O CONTEXTO PANDÊMICO	
Renan Silva do Espirito Santo	
Ursula Rosa da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.46221300324	
CAPÍTULO 25	296
MEMÓRIAS, APAGAMENTOS E RESISTÊNCIAS: COLETIVO APARECIDOS POLÍTICOS	
Maria Giovanna Walerko Moreira	
Felipe Bernardes Caldas	
DOI 10.22533/at.ed.46221300325	
CAPÍTULO 26	300
UMA COLCHA PARA O LEITO DOS AUSENTES: MONUMENTOS DE PANO COBREM AS PEDRAS DA CAPITAL AMERICANA	
Victor Santos	
DOI 10.22533/at.ed.46221300326	
SOBRE AS ORGANIZADORAS	311
ÍNDICE REMISSIVO	312

CAPÍTULO 15

A IRONIA E O SUICÍDIO COMO FIGURAS DE LINGUAGEM NA LITERATURA E NA POÉTICA DE ANA CRISTINA CESAR

Data de aceite: 30/03/2021

André Luís de Araújo

<http://lattes.cnpq.br/2868576979298620>

RESUMO: A poética de Ana Cristina Cesar recoloca questões de direito. O direito às manifestações múltiplas e performáticas do corpo, da voz e do sexo, num primeiro momento, mas também discussões acerca do direito à vida e do direito à morte. O direito de dispor do que se tem, de dispor do que se é, na busca de seguir avançando, sempre em devir, sempre em movimento. Estamos, pois, num esforço de compreensão de relações irônicas em que a vida e a morte dialogam como faces de uma mesma moeda. O que nos importa analisar é a subjetividade literária, antes de tudo, e a construção de seus dispositivos e mecanismos de subjetivação.

PALAVRAS-CHAVE: Ironia; Suicídio; Ana Cristina Cesar.

IRONY AND SUICIDE AS FIGURES OF SPEECH IN ANA CRISTINA CESAR'S LITERATURE AND POETICS

ABSTRACT: Ana Cristina Cesar's poetics raises questions of law. The right to multiple and performative manifestations of body, voice and sex, at first, but also discussions about the right to life and the right to death. The right to dispose of what one has, to dispose of what one is, seeking to keep moving, always becoming, always moving. We are, therefore, in an effort to

understand ironic relationships in which life and death dialogue as sides of the same coin. What matters to us is to analyze literary subjectivity, first of all, and the construction of its devices and mechanisms of subjectivation.

KEYWORDS: Irony; Suicide; Ana Cristina Cesar.

LA IRONÍA Y EL SUICIDIO COMO FIGURAS DE LENGUAJE EN LA LITERATURA Y EN LA POÉTICA DE ANA CRISTINA CESAR

RESUMEN: La poética de Ana Cristina Cesar recoloca cuestiones de derecho. El derecho a las manifestaciones múltiples y performativas del cuerpo, de la voz y del sexo, en un primer momento, pero también discusiones acerca del derecho a la vida y el derecho a la muerte. El derecho de disponer de lo que tenemos, de lo que somos, en búsqueda de seguir avanzando, siempre en devenir, siempre en movimiento. Estamos, pues, en un esfuerzo de comprensión de relaciones irónicas en las que la vida y la muerte dialogan como caras de una misma moneda. Lo que nos importa analizar es la subjetividad literaria, ante todo, y la construcción de sus dispositivos y mecanismos de subjetivación.

PALAVRAS-CHAVE: Ironía; Suicidio; Ana Cristina Cesar.

INTRODUÇÃO

O psicanalista Christian Ingo Lenz Dunker, professor titular do Instituto de Psicologia da USP, afirmou, na Revista Continente, de setembro de 2018, que compreender a poética

de uma autora como Sylvia Plath é, antes de tudo, entender que o que torna o seu suicídio tão trágico é a forma como ela criou, com sua obra, uma mensagem que é, ao mesmo tempo, causa para viver e para morrer, dignamente. O mesmo se pode dizer da brasileira Ana Cristina Cesar. Ambas nutriram-se da própria morte e construíram com ela o sentido da vida.

São escritas em vias de transgressão. Promovem o instante em que a linguagem mostra o real parentesco entre escrita e morte, como salienta Maurice Blanchot, em *O espaço literário* (1987). A carta poética deixada por Sylvia Plath evidencia isso: “A mulher está perfeita/ Seu corpo/ Morto enverga o sorriso de completude, A ilusão de necessidade”. Tanto a autora norte-americana como a brasileira Ana Cristina Cesar criam parâmetros para naturalizar a morte, mantendo-a no círculo da existência como um direito, como um acontecimento a mais. “ela quis/ queria me matar/ quererá ainda, querida?” (CESAR, 2002, p. 61).

A obra poética dessas mulheres instiga e eleva até as últimas consequências os questionamentos aterradores da existência humana. Por outro lado, tomar a obra de qualquer uma delas apenas sob o ângulo de visão do suicídio biográfico das autoras empobrece sobremaneira a discussão e pouco ou nada tem a ver com a figura do suicídio literário proposta nesta reflexão. Afinal, por mediações da linguagem, pode haver dispositivos e modos de subjetivação postos em jogo, como bem pontua Michel Foucault em suas análises literárias; ou a criação de personagens conceituais, como se vê na ótica dos *intercessores*, de Gilles Deleuze (1992)¹. Isto é: há outras forças e movimentos mais interessantes para analisar e reconstituir no embate da construção poético-filosófica, a buscar coincidências meramente biográficas. “Não sou idêntica a mim mesma/ sou e não sou ao mesmo tempo, no mesmo lugar e sob o mesmo ponto de vista/ não sou divina, não tenho causa/ não tenho razão de ser e nem finalidade própria:/ sou a própria lógica circundante”. (CESAR, 1985, p. 59).

As reflexões teóricas sobre a consciência de um eu-lírico dotado de um corpo em devir e de uma voz que se vai silenciando em meio ao caos existencial, em Ana Cristina Cesar, por exemplo, permitirão que o estudo da ironia e do suicídio, como figuras literárias por excelência, para o âmbito desta reflexão, articule os pontos obscuros desse processo que se apoia no referencial literário. O gesto em busca de liberação da poeta ao escrever questiona, pois não se é fraco porque se morre; ao contrário, o movimento da despossessão inaugurado no espaço-tempo abertos pela morte, segundo Blanchot (1987), despoja-nos das coisas e de nós próprios, torna-nos leves, onde já não estamos mais abrigados, mas somos introduzidos sem reserva num lugar e tempo onde nada nos retém.

1 Deleuze (1992), em seu texto *Os intercessores*, refere-se ao cineasta canadense Charles Perrault, referendando a necessidade de se constituir um processo fabulatório a partir de dois ou mais interlocutores. Forma-se um discurso de minoria, a dois ou em vários, mas não se fala sozinho, sob pena de parecer um intelectual diletante, reproduzindo a discursividade do senhor ou do colonizador. Capta-se o movimento que daí se origina e se constitui uma possibilidade, escapando ao pré-estabelecido.

A IRONIA DA EXISTÊNCIA

Se a ironia se apresenta sob uma categoria existencial, a metáfora e a metonímia constituem o instrumento mental a seu serviço. É mais fácil despertar um sentimento em linguagem indireta que falando diretamente, pois seu uso possui um tom intencional consciente e arraigado e perfaz uma necessidade linguística. A metáfora e a metonímia são, portanto, inevitáveis e se alojam entre os elementos estruturadores do sentido do discurso. Suprimi-las seria suprimir a linguagem; entretanto, sendo elas a condição necessária da linguagem, não são condição suficiente, uma vez que se necessita do sentido articulado por elas, para que o sistema de signos não seja uma matemática de signos formais pura e simplesmente.

Nessa perspectiva, como o ser humano é um ser de linguagem, o homem tem necessidade de comunicar-se e o faz indiretamente e com rodeios, conforme defende José Luis Ramírez, em conferência intitulada *La ironía de la existencia como existencia de la ironía*. Para o autor, toda objetividade é alienação e só podemos afirmar o que vemos porque aprendemos a ver nas impressões sensíveis o que os objetos ou realidades nos produzem. Consequentemente, todo conhecimento humano é cultura, interpretação, desvio, manipulação de sentido: ironia.

O homem se faz homem dentro de uma comunidade humana desenvolvendo-se a partir do corpo e da linguagem. Com eles, o ser humano lança mão de sua precariedade para ultrapassar o impossível e o renunciável, arremetendo contra os limites da linguagem e do corpóreo. Kirkegaard, em seus escritos iniciais sobre a ironia, datados de 1841, diria que, em sentido restrito, não nos é possível falar absolutamente de nada, nem sequer dos fatos do mundo objetivo; no entanto, nossa condição humana consiste em nos ver forçados a fazer o impossível, a transformar em possibilidade o que em princípio se apresenta como necessidade.

O sentimento trágico da vida é, desse modo, explicitado pela ironia kierkegaardiana. Para o filósofo, a subjetividade se constitui como uma articulação paradoxal entre o finito e o infinito, o transcendente e o contingente. A ironia supõe a exigência existencial de conjugar duas realidades incomensuráveis. O ser humano só pode consumir sua humanidade assumindo o paradoxo de sua existência.

O sentido, a linguagem, a ironia não são produtos em si, mas a força que produz vitalidades. Dizer que a linguagem são as palavras, que o sentido é a essência independente e objetiva das coisas e que a ironia é a expressão do sentido desviado e subentendido são formas secundárias e derivadas de falar, puro desvio metonímico. As palavras não são propriamente a linguagem, mas a materialidade de sua atividade expressiva, sendo as expressões linguísticas o resultado dessa atividade. O sentido é propriamente o ato de iluminação que o homem dá às coisas para fazê-las participar do mundo humano. E a frase de sentido tergiversado ou final trágico não é propriamente a ironia, mas o testemunho,

respectivamente linguístico e histórico, de que a existência humana é uma ponte estendida sobre um abismo difícil de franquear.

Assim, com o material das palavras, o homem constrói um mundo de instituições e de relações. A ironia começa a ser percebida, então, como a tensão de um ser que é ao mesmo tempo corpo e espírito, infinitude e contingência. Essa tensão trata de dar sentido ao mundo material, a partir do corporal, como expressão do sentido do mundo gerado na história individual de cada ser.

A ironia da existência humana está irremediavelmente ancorada em um paradoxo e vemo-nos compelidos a utilizar categorias materiais e finitas como signo de algo que, muitas vezes, ultrapassa-nos. O ser humano encontra e escolhe, assim, no mundo e na linguagem, a forma de expressão que vai realizar o sentido de sua própria existência.

Nesse sentido, ser homem ou ser mulher supõe pertencer a uma comunidade de sentido que nos faça entender e crer, interpretar, ainda que falemos por desvios. A ironia não consiste, pois, simplesmente na incompatibilidade entre o transcendente e o finito, tampouco na incongruência entre uma atividade espiritual e um mundo de coisas materiais; a ironia é a base da linguagem mesma, pelo simples fato de que cada ato de expressão se realiza ante uma situação totalmente nova e única.

Ramírez comenta que somente uma linguagem que criasse suas palavras para cada situação concreta seria capaz de expressar sentidos diretamente. Entretanto, por isso mesmo, deixaria de ser linguagem, já que um signo que se esgota em um único uso e não tenha a capacidade de ser usado repetidas vezes não pode ser reconhecido como signo.

O ser humano, por sua vez, deparando-se com variadas situações, procura encontrar possibilidades inusitadas dos instrumentos com os quais maneja, sejam eles: linguísticos, corpóreos, visuais, vocais..., para vestir e recheiar os contextos com seu espírito criador, sabendo que se encaminha para a morte e que aí, sim, reside a maior das ironias: a ironia da existência que atinge sua negação, para alcançar seu sentido.

Dessa longa exposição, baseada em *O conceito de ironia*, de Kierkegaard, apoiando-nos, ainda, em José Luis Ramírez, depreende-se que o nosso objetivo terá sido cumprido se nos ativermos ao fato de que a poética de Ana Cristina Cesar encontra aí um terreno fértil, pois lança mão da relação corpo/voz – indumentária da ironia – com suas pretensões de verdade.

Minha boca também
está seca
deste ar seco do planalto
bebemos litros d'água
Brasília está tombada
iluminada

como o mundo real
pouso a mão no teu peito
mapa de navegação
desta varanda
hoje sou eu que
estou te livrando
da verdade

(CESAR, 2002, p. 59).

A verdade vai sendo desconstruída, porque também ela se articula nessa linha tênue que percorre o tecido literário e participa do jogo, às vezes desarticulado, mas, nem por isso, vazio de sentidos, proposto pela linguagem. De tal modo que da existência da ironia à ironia da existência é um passo. Itinerário cumprido a cada vez que a autora faz a vida voltar sobre si mesma e inaugura e abre seu espaço de enunciação; falar da morte é naturalizar em si os acontecimentos da própria vida: “Querida falar da morte/ e sua juventude me afagava./ Uma estabanada, alvíssima,/ um palito. Entre dentes/ não maldizia a distração/ elétrica, beleza ossuda/ al mare. Afogava-me”. (CESAR, 2002, p. 77).

A POESIA PODE ME ESPERAR?

Ana Cristina enche-nos de perguntas: será que haverá tempo? Será que as categorias de temporalidade vão dar conta de uma ocorrência anacrônica, de tão intensa? A pergunta parece soar como um resgate. Resgate da própria impossibilidade de se fixar, de permitir um confinamento. Haverá um momento em que a poesia acompanhará o ritmo da subjetividade e se produzirá uma sincronia, um rearranjo do caos? Ou quando isso acontecer estaremos próximos do fim? Fim de quê se há sempre um ponto final que se converte em início: devir?! “Agora, imediatamente, é aqui que começa o primeiro sinal do peso do corpo que sobe. Aqui troco de mão e começo a ordenar o caos”. (CESAR, 1985, p. 192).

É sob essa perspectiva que a poesia de Ana Cristina quer trabalhar nas questões de morte e na produção de um suicídio literário evidente. É de Blanchot que vem a advertência:

[...] não se pode escrever se não se permanece senhor de si perante a morte, se não se estabeleceram com ela relações de soberania. Se ela for aquilo diante do qual se perde o controle, aquilo que não se pode conter, então retira as palavras de sob a caneta, corta a fala; o escritor não escreve mais, ele grita, um grito inábil, confuso que ninguém entende ou não comove ninguém. (BLANCHOT, 1987, p. 87).

O corpo que sobe e as rédeas assumidas para a ordenação do caos convertem-se

nos primeiros sinais de uma subjetividade que permanece inelutavelmente sóbria diante da morte. Não há controle perdido, não há nada contido. Há uma afirmação contundente de que se opta por assumir uma existência marcada pela presença da consciência ardente do desejo de ser e continuar sendo muito além da barreira: vida-morte.

ENQUANTO

Que dentadas tão pragmáticas.

Moscas não existem.

O à toa de hoje, de ontem,

não

existe.

Só sou se sendo sou sido

Que espiadelas cancerosas.

Que que que sem inteiro.

Acintosos passos em direção a outros passos.

De grau em degrau,

relativos nos engolimos como sopa.

Ó costelas de minh alma

acastelai-vos na quarentena de munições,

mil lições arcaicas.

Reis, coisas e cães,

uma novíssima muralha vos espera.

(CESAR, 1985, p. 56).

[...] Fiz misérias nos caminhos do conhecer. Mas hoje estou doente de tanta estupidez porque espero ardentemente que alguma coisa... divina aconteça. (CESAR, 2002, p. 57).

Escrever, então, é estar apto a morrer, de grau em degrau, entre espiadelas cancerosas, em quarentena, dando de cara com a muralha que espera. Mas é também fazer misérias nos caminhos do conhecer, é estar doente de tanta estupidez, é esperar ardentemente que alguma coisa divina aconteça. E é ainda buscar saídas justamente onde pareciam terminar os caminhos. Uma saída de vida? Uma saída da vida? A saída da vida? A saída de vida?

Parece que há uma saída exatamente aqui onde eu pensava que todos os caminhos terminavam. Uma saída de vida. Em pequenos passos, apesar da

batucada. Parece querer deixar rastros. Oh yea parece deixar. Agora que você chegou não preciso mais me roubar. E como farei com os versos que escrevi? (CESAR, 1985, p. 178).

Não está morrendo, doçura.

Assim como eu disse: daqui a dez anos estarei de volta.

Certeza de que um dia nos reencontramos.

Doçura, não está morrendo.

Barca, engalanada adernando,

mas fixa: doçura, não afoga.

(Ibidem, p. 179).

Como se vê, analisar a poesia de Ana Cristina não é tarefa fácil, pois há uma eclosão de sentidos. As coisas parecem mudar, à página seguinte, e há um jogo polifônico que aponta, de fato, para diversas possibilidades, mas, de algum modo, há uma saída de vida. Afinal, na sequência, nada acabou e ninguém está morrendo, pois daqui a dez anos se estará de volta, visto que existe *a certeza de que um dia nos reencontramos...*

A leitura da obra poética de Ana Cristina Cesar deixa entrever, assim, um pouco do que falava Blanchot quando dizia que a própria obra é uma experiência de morte da qual parece ser imprescindível dispor previamente a fim de se chegar à Obra e, pela obra, à morte, com quem se estabelece uma relação de liberdade. A relação de liberdade criada pela autora em seus poemas revela-se clara a cada novo sentido abstraído de suas construções. Ver a vida ou ver a morte em seus escritos faz parte do mesmo exercício de alguém que seguramente vai enganar-se se quiser fechar suas leituras com apenas uma das possibilidades.

Assim, a autora não se priva da morte em seus poemas. Ela sabe que não se privar da morte é o caminho mais curto do homem a si mesmo, é a manifestação máxima de sua insubordinação. Se se morre livremente, o homem experimenta e prova a si mesmo sua liberdade. Não existe a pretensão de dominá-la, mas de afirmar-se diante dela, demonstrar a sobriedade na hora das grandes agonias.

Por isso, morrer bem significa morrer com decência, afirma Blanchot, coerente consigo mesmo e no respeito dos vivos. Morrer bem é morrer em sua própria vida, voltado para ela, e essa boa morte indica mais delicadeza para com o mundo do que deferência pela profundidade do abismo. Afinal, “As horas fundamentais já nos visitaram” (CESAR, 1985, p. 133) – esse é o aviso que dá a poeta àqueles que continuam buscando no lugar errado a epifania, o grande momento, ou até o cataclismo. Não há mudanças tão drásticas de natureza, o que se pretende compreender é a afirmação da vida na própria morte.

Por isso, inquirir se a vida é possível não é a melhor pergunta, já que a figura do suicídio não aparece para pôr em xeque a vida. Ao contrário, o eu-lírico que se mata está ligado à esperança, a esperança de acabar; a esperança revela o desejo de começar, de

encontrar ainda o começo no fim, de inaugurar aí uma significação que é questionada, também, no momento em que se morre.

O momento, portanto, é de espera, não de desespero. Conforme continua Blanchot, quem desespera não pode esperar morrer nem voluntária nem naturalmente: falta-lhe tempo, falta-lhe o presente onde teria de apoiar-se para morrer. A poética suicida é, assim, a grande afirmadora do presente, do instante absoluto, o único que triunfará, que não passará e não será ultrapassado, a apoteose, a fagulha, a centelha dos místicos, a afirmação excepcional que escapa aos limites da premeditação. É o desejo mais forte de querer que o futuro seja sem segredo, tornado claro e legível, para que deixe de ter essa face obscura e indecifrável. Assim, não se pode escrever se a morte não se inscrever.

FAGULHA

Abri curiosa

o céu.

Assim, afastando de leve as cortinas.

Eu queria rir, chorar,

ou pelo menos sorrir

com a mesma leveza com

que os ares me beijavam.

Eu queria entrar,

coração ante coração,

inteiriça,

ou pelo menos mover-me um pouco,

com aquela parcimônia que caracterizava

as agitações me chamando.

Eu queria até mesmo

saber ver,

e num movimento redondo

como as ondas

que me circundavam, invisíveis,

abraçar com as retinas

cada pedacinho de matéria viva.

Eu queria
(só)
perceber o invislumbrável
no levíssimo que sobrevoava.

Eu queria
apanhar uma braçada
do infinito em luz que a mim se misturava.

Eu queria
captar o impercebido
nos momentos mínimos do espaço
nu e cheio.

Eu queria
ao menos manter descerradas as cortinas
na impossibilidade de tangê-las.

Eu não sabia
que virar pelo avesso
era uma experiência mortal.

(CESAR, 1985, p. 41).

Esse desejo e essa curiosidade de abrir de leve o céu e suas cortinas inauguram um espaço para falar da vida e da morte. Trazem à tona a consciência de que a matéria viva é perecível e, na impossibilidade de manter descerradas as cortinas, virando tudo pelo avesso, numa experiência mortal, descobre-se que, entre as coisas que são perecíveis, a subjetividade é a mais perecível delas. É, portanto, nessa fagulha, precisamente nesse espaço aberto para a discussão da morte e, conseqüentemente do suicídio como figura de leitura desse evento, que a autora transfigura seu corpo e sua voz, sua sexualidade, para estabelecer sua fala num ponto em que a palavra tem necessidade de acontecer para repercutir e ser compreendida. No dizer de Blanchot:

[...] é preciso partir, não mais das coisas a fim de tornar possível a abordagem da morte verdadeira, mas da profundidade da morte para me debruçar sobre a intimidade das coisas, para "vê-las" verdadeiramente, com o olhar desinteressado daquela que não se retém a si mesma, que não pode dizer "Eu" [...]. (BLANCHOT, 1987, p. 153).

Apreciar o mundo é, então, debruçar-se sobre a intimidade das coisas para aprender a vê-las com outro olhar, uma visão mais desinteressada. É a arte de partir, um aprender a morrer que introduz na vida o êxtase, tornando possível a abordagem da morte verdadeira. As coisas se oferecem, assim, na fecundidade inesgotável de seus sentidos, que a nossa visão habitualmente ignora. Nessa perspectiva, como bem diria Rilke, não existe uma coisa na qual eu não me encontre, pois não é só a minha voz que canta: tudo ressoa.

Aquele que canta entrega-se, assim, totalmente ao jogo, compreendendo que enquanto fala pode desaparecer completamente. Tudo isso constitui a profundidade de um mesmo movimento: aproximando-se ou distanciando-se, a iminência da morte dissipa as seguranças entregando o ser a um espaço ilimitado, aberto ao mundo. Abertos ao mundo, o poema, o poeta e sua subjetividade encontram-se expostos sem reservas. O mundo, as coisas e o ser incessantemente transformados desde o interior configuram um movimento, aparentemente tranquilo e suave, que exige o abandono de toda a segurança exterior, sob os riscos de recomeçar, ininterruptamente, transformando a morte em uma tarefa sem fim.

Naturalizar a morte é, assim, um ponto forte para Ana Cristina. Pensar, escrever, agir implicam, conseqüentemente, a aprovação da vida na própria morte, como afirmaria Bataille (Cf. MORAES, 2002). Nesse fazer poético, a morte é signo da vida, abertura ao ilimitado. Vemos, pois, irromper uma subjetividade que aprendeu a viver na experiência da catástrofe, dando nova medida ao ser humano: do fundo de nossa ignorância animal pode nascer uma sensibilidade soberana que permita vislumbrar o extremo do possível no qual nada conta além do instante vivido. Despossuído de tudo, o ser poético torna-se, enfim, uma presença silenciosa que nenhum poder pode suprimir. É a vida e a morte comunicando-se para continuar sendo, indefinidamente, uma na outra.

QUARTETOS

Desdenho os teus passos

Retórica triste:

Sorriso e na alma

De ti nada existe

Eu morro e remorro

Na vida que passa

Eu ouço teus passos

Compasso infernal

Nasci para a vida

De morte vivi

Mas tudo se acaba

Silêncio. Morri.

(CESAR, 1985, p. 28).

A autora reverbera: “nasci para a vida/ de morte vivi”. Essa relação ressalta que não há um ponto tão contraditório como se pensava entre vida e morte, tampouco o que se exige é a conciliação pacífica de contrários. O que se nota é o devir, o fluxo que trabalha e jamais se extingue ou entra em repouso, nunca se fixa numa imagem ou num estágio acabados, mas promove leituras, instiga comportamentos. Onde há vida e onde há morte?

Nesse movimento, vida e morte encontram-se num princípio de tensão: “morro e remorro na vida que passa”. A autora explora, então, esse vasto campo em que as determinações contraditórias figuravam como o transtorno periódico para a existência dos homens, afirmando a instabilidade como forma de se apresentar uma reflexão: refazer o homem desrealizando-o, afim com a ideia de Bataille (Cf. MORAES, 2002), que diz que tudo exige em nós que a morte nos devaste.

Sua poética trabalha numa perspectiva corporal, carnal, visceral, ao mesmo tempo fina e sofisticada. Seus corpos inúmeros (matéria, voz, palavra, sexo, ironia...) inauguram espaços na linguagem e sua estética promove o questionamento da corporalidade, da noção de limites, das inquietudes. Não expõe meramente o corpo, a voz, o sexo, a morte; fala de nossas falências, de nosso padecer; disseca nossas experiências: decifra os gozos e as misérias através do sentimento, da devastação.

Leva a cabo a formulação de um erotismo que nomeia em alta voz o silencioso exercício cotidiano de saber viver morrendo e naturalizando o corpo, quando enfrenta o sangue sem estar ferida, quando dilacera as relações unívocas de sexo e reprodução. É a semiótica do corpo e seus humores, locus de enfrentamento com a paixão, a dor, o imaterial sem eufemismos. De forma direta e honesta, Ana Cristina dispara com seu discurso a flecha que a uns faz morrer e a outros reconduz à vida, incitando-nos a continuar seu devir, já que onde parecia concluir podemos começar nós: calçar-lhe as luvas e prosseguir!

SETE CHAVES

Vamos tomar chá das cinco e eu te conto minha grande história
passional, que guardei a sete chaves, e meu coração bate
incompassado entre gaufrettes. Conta mais essa história, me
aconselhas como um marechal-do-ar fazendo alegoria. Estou
tocada pelo fogo. Mais um román à clé?

Eu nem respondo. Não sou dama nem mulher moderna.

Nem te conheço.

Então:

É daqui que eu tiro versos, desta festa – com arbítrio
silencioso e origem que não confesso – como quem apaga
seus pecados de seda, seus três monumentos pátrios, e passa o
ponto e as luvas.

(CESAR, 2002, p. 40).

Revela-se, pouco a pouco, uma grande história passional. Coração bate acelerado com mais um romance e uma história tocada pelo fogo. Não há respostas para algo tão novo, ainda que não seja dama nem mulher moderna. Não se conhece o interlocutor, mas é dessa relação que nascem seus versos e tamanha intimidade, de uma festa silenciosa de origem inconfessa. Passa o ponto sem constrangimentos. Retira-se e nos deixa calçar suas luvas. Convida-nos a mesma experiência.

A ausência liga-se, em Mallarmé, à subitaneidade do instante. Um instante, brilha a pureza do ser no momento em que tudo recai no nada. Um instante, a ausência universal faz-se pura presença e quando tudo desaparece, o desaparecimento aparece, é a pura claridade aparente, o ponto único onde existe luz algures na escuridão e dia de noite. (BLANCHOT, 1987, p. 158).

Subitamente brilha o ser no momento da ausência. Pura presença quando tudo desaparece e nos faz repensar a um só tempo toda a nossa existência a partir de coisas simples, de folhas brancas e limpas à nossa espera, de uma cama arrumada e de uma vida inteira por fazer, de instantes mudos, mas convidativos, gradativos.

Tenho uma folha branca
e limpa à minha espera:
mudo convite

Tenho uma cama branca
e limpa à minha espera:
mudo convite

Tenho uma vida branca
e limpa à minha espera:

(CESAR, 1985, p. 48).

A alvura da folha, da cama e da vida – limpas e à espera, convites mudos – constitui espaço aberto para relações novas e puras. Insiste-se na consciência e na espera, bem como na provocação. São chamados que instigam a escrever, a começar uma relação

ou a dar-se um tempo de repouso e de descanso, bem como a toda uma reconfiguração da história e da vida mesma por fazer e reordenar. Há uma liberdade aterradora: uma folha, uma cama e uma vida brancas e limpas à espera – mudo convite. Discreto convite à liberdade, poder de continuar avançando livremente. Entre as grandes agonias, a possibilidade do prazer branco e mudo. A autora dá o tom de todas as cores no branco e de todas as vozes na mudez.

Nada disfarça o apuro do amor.
Um carro em ré. Memória da água em movimento. Beijo.
Gosto particular da tua boca. Último trem subindo ao
céu.
Aguço o ouvido.
Os aparelhos que só fazem som ocupam o lugar
clandestino da felicidade.
Preciso me atar ao velame com as próprias mãos.
Sirgar.
Daqui ao fundo do horto florestal ouço coisas que
nunca ouvi, pássaros que gemem.

(Ibidem, p. 194).

Mas nada disfarça o apuro do amor. Assim, numa ré, num flash back, as lembranças da vida em retrospecto: o Rio, que nunca é o mesmo em que se banha – suas águas estão em movimento contínuo (devir?); o jornal em que se trabalhou, que acena com um “Beijo” apaixonado – gosto particular do beijo da pessoa amada; a última partida; os sentidos aguçados (diante da morte?); o som agudo dos aparelhos que ainda sinalizam o coração (lugar clandestino da felicidade?); “Ulisses” atado ao velame para sobreviver à sedução do Canto das Sereias; as despedidas, o horto, os gemidos, o sofrimento.

A sobreposição imagética anuncia um turbilhão de emoções. Será o enfrentamento com a morte? Rapidamente acorrem à memória cenas e fatos da vida num movimento que, de tão intenso, beira à alucinação. Tudo a um só tempo: sirgar! Bater em retirada, sair de cena, ser levado, exilar-se, ouvindo coisas que nunca se ouviu.

A ponto de partir, diz que os olhos sorriem na distância, no poema seguinte; pede, ainda, que não haja choro, no próximo, citando, também, Emily Dickinson; reitera que a espere, no subsequente; termina os relatos com “cartas-diário”, aparentemente do CTI de um hospital. Assim, de poema em poema, a autora parece (d)escrever os últimos dias de alguém que continua acreditando que haverá tempo para novas descobertas cada vez que se ousar com a própria vida: este é o seu testemunho!

A ponto de/ partir, já sei/ que nossos olhos/ sorriam para sempre/ na distância./ Parece pouco?/ Chão de sal grosso e ouro que se racha./ A ponto de partir, já sei que/ nossos olhos sorriem na distância./ Lentes escuríssimas sob os pilotis. (Ibidem, p. 195).

Estou sirgando, mas/ o velame foge./ Te digo: não chores não./ Aqui é mais calmo, é suave ardor/ que se pode namorar à distância./ Não é teu corpo./ É a possibilidade da sombra./ Que se recorta e recobre./ Eles se desencaminham./ mas não se pode fazer por menos./ Querida, lembra nossas soluções?/ Nossas bandeiras levantadas?/ O verão?/ O recorte dos ritmos, intacto?/ É para você que escrevo, é para/ você./ “My life closed twice before its close” Emily Dickinson. (Ibidem, p. 196).

Volto para você./ Sempre estive aqui,/ nunca me afastei do ouro de Itabira./ A mulher barbada me espia com olhos de Lúcifer./ Fala em Kardec, e eu me reviro em agonia:/ já não, agora não,/ a água ainda não está no ponto./ Me espere. (Ibidem, p. 197).

CONCLUSÃO

A poética de Ana Cristina Cesar recoloca questões de direito. O direito às manifestações múltiplas e performáticas do corpo, da voz e do sexo, num primeiro momento, mas também discussões acerca do direito à vida e do direito à morte. O direito de dispor do que se tem, de dispor do que se é, na busca de seguir avançando, sempre em devir, sempre em movimento.

Nesse sentido, o suicídio, como mais uma figura de análise para os estudos literários, emerge com força na tentativa de compreensão das escolhas feitas pela subjetividade inscrita em seus poemas. “Angústia é fala entupida” (CESAR, 1985, p. 138) – dirá um dos seus poemas – talvez por isso, ficamos com a impressão tocante de infelicidade angustiada e intolerável, em um primeiro momento, para, em seguida, despertarmos para o uso incondicional do direito de se dispor ou indispor livremente do que quer que seja.

Não se trata, assim, de um ato inconsequente que pudesse dizer: agora vão me levar a sério. Não estamos querendo validar espontaneamente nosso argumento ao dizer que a radicalidade da escolha suicida funciona, para nós, como garantia da qualidade dos textos. Tampouco estamos no terreno da apologia ao suicídio. Estamos, sim, num esforço de compreensão de relações irônicas em que a vida e a morte dialogam como faces de uma mesma moeda.

Além disso, a figura do suicídio literário, aqui exposto, teve como cuidado principal evitar o campo da coincidência biográfica, uma vez que só aparentemente os textos de Ana Cristina nos fazem revelações entre o sujeito biográfico e o sujeito dos poemas e dos diários. Não fizemos transposição de pessoa real para imagem construída. Uma já se encontra refratada na outra e, nessa fusão de facetas, não há centro ou miolo a ser revelado. A advertência vem da própria poesia: “O manequim de dentro, reflexo do manequim de fora. Se você me olha bem, me vê também no meio do reflexo, de máquina

na mão” (CESAR, 2002, p. 128).

É preciso, ainda, ajustar o foco e não se esquecer da luva! Afinal, se há um ser representado num texto que se pode dizer autobiográfico, sua identidade é formada tanto pelas mediações da linguagem e da escrita literária quanto pela personalidade do autor, que é, ela mesma, também, uma representação conceitual, como afirma Ana Cláudia Coutinho Viegas em seu livro *Bliss & Blue: segredos de Ana C.* (1998). Calçando e descalçando as luvas, escrevendo ou inscrevendo-se, o que nos importa analisar é a subjetividade literária, antes de tudo, e a construção de seus dispositivos e mecanismos de subjetivação.

Certamente, a questão mais importante não emana dos poemas de Ana Cristina, de suas obras, de sua liberdade e autenticidade ao escrever, uma vez que seu texto vem crescendo brutalmente, sobretudo depois de sua morte. A questão mais relevante emerge de nossa relação com o suicídio e com a temática da morte, mais precisamente, de nossa relação com nossas questões existenciais. Portanto, mais que procurar explicações para o ato suicida pela via literária ou descrições patológicas de uma subjetividade, na confusão ou na facilidade de correspondências ingenuamente biográficas, cabe a pergunta: que problemática autoras como Ana Cristina Cesar ou Sylvia Plath, entre outras, levantam sobre a qualidade de nossas vidas e sobre questões de direito?

Coloquemos, assim, a questão em perspectiva, pois o sofrimento e a incompreensão do ato suicida já é muito exigente, dado que pode atestar o nosso fracasso ou evidenciar a nossa impotência, bem como dificuldades de perdão que questionam nosso jeito próprio de ser e de viver. Aproveitemos para reconhecer a dignidade ética dos sujeitos, a sua coragem ou a sua covardia extrema, sem julgamentos, ponderando bem nossa disposição para o acolhimento e para o respeito pelo sofrimento de tantas pessoas. Não coloquemos na morte o peso que ratifica ou não a qualidade de uma vida.

Com Ana Cristina Cesar, vimos que morte e vida são faces de uma mesma moeda, aquela com que se paga o preço de se arriscar a resgatar o humano no humano. É viver ora uma face, ora outra, tentando acertar e reorganizar o caos. Com ela, esperamos que tenhamos aprendido a ousar e a ir adiante, não como quem persegue cegamente seus passos, mas como quem constrói seu próprio caminho. Assim, pelas margens, vamos encontrando seus poemas que sinalizam seu itinerário e suas descobertas e os testemunhos de quem a conheceu e via em seus olhos a imensa vontade de acertar...

REFERÊNCIAS

BLANCHOT, Maurice. **O espaço literário**. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.

CESAR, Ana Cristina. **Inéditos e Dispersos**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

_____. **A teus pés**. São Paulo: Ática, 2002.

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. Trad. Peter Pál Pelbart. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

DUNKER, Christian Ingo Lenz. Últimas palavras. In: **Continente**. Setembro 2018.

FOUCAULT, Michel. **Ditos e Escritos III**. Estética: Literatura e Pintura, Música e Cinema. Trad. Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.

MORAES, Eliane Robert. **O corpo impossível**. São Paulo: Iluminuras, 2002.

RAMÍREZ, José Luis. **La existencia de la ironía como ironía de la existencia**. In: SEMINARIO DE ANTROPOLOGÍA DE LA CONDUCTA, Universidad de Verano, San Roque, Cádiz, 1992.

VIEGAS, Ana Cláudia Coutinho. **Bliss & Blue: segredos de Ana C.** São Paulo: Annablume, 1998.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Alegria breve 154, 155, 156, 157, 159, 160, 164, 165, 167, 169, 170, 171, 172

Alheamento à tradição 133

Ana Cristina Cesar 185, 186, 188, 191, 198, 199

A rosa púrpura do Cairo 25, 27, 34, 35, 39, 40, 41, 42

Ativismo 296, 300, 310

C

Cinema 3, 5, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 33, 34, 35, 36, 37, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 49, 98, 99, 129, 130, 200

Contaçon de histórias 215, 216

Cotas raciais 261, 263, 264

D

Distanciamento social 291, 292

E

Educaçon musical 261, 262, 264, 265, 270

Emancipaçon 5, 39, 131, 208, 211, 212, 213, 214, 303

Etnomusicologia 261, 262, 270

Existencialismo 154, 156, 157, 158, 160, 161, 162, 163, 165, 172

F

Formaçon inicial de professores 261, 265

G

Goya 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90

H

História da música brasileira 17, 24

Histórias em quadrinhos 34, 66, 68, 69, 72

HIV/AIDS 300, 304

I

Identidade nacional 1, 4, 18, 174

Instauraçon cênica 240, 242, 244, 246

Interseccionalidade 201, 203, 205, 206

J

Joaquim Nabuco 50, 51, 53, 55, 56, 57, 60, 61, 62, 63, 64

Jogo ficcional 215, 216, 217, 221, 225

José de Alencar 173, 174, 176, 178, 179, 182, 183

Judith Butler 173

L

LGBT 300, 301, 302, 309

Literatura africana 143

Literatura portuguesa 159

M

Machismo 173, 183

Melodrama 25, 26, 27, 28, 29, 30, 33, 35, 39, 40, 41, 43

Mia Couto 142, 143, 148

Moçambique 133, 134, 136, 137, 138, 140, 141, 148

Monumentos 51, 52, 53, 61, 64, 196, 300, 306, 307, 309

Morte 31, 51, 52, 57, 58, 63, 64, 65, 80, 82, 83, 85, 86, 88, 104, 119, 125, 126, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 149, 150, 151, 157, 158, 160, 162, 163, 164, 165, 167, 170, 171, 181, 185, 186, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 197, 198, 199, 209, 225, 226, 288, 304, 305, 308

Mulheres 44, 46, 47, 60, 101, 102, 103, 108, 111, 167, 170, 171, 173, 174, 177, 183, 186, 202, 203, 205, 206, 208, 209, 211, 213, 214, 231, 234, 273, 278, 279, 282, 283, 284, 286, 287, 288, 302, 303

N

Nacionalismo 1, 3, 4, 7, 10, 12, 14, 139

NAMES Project AIDS Memorial Quilt 300, 303, 305, 309

P

Patriarcalismo 173, 212, 213

Percepção visual 66, 78, 79, 88

Período pós-independência 133, 137, 138

Pertencimento 140, 201, 206, 229, 230, 234, 236, 238, 267, 287

Programa de intervenção 247

Psicanálise 44, 49, 114, 220, 238, 240, 241, 242, 246

Psicologia da performance 247, 251, 260

R

Racialização 17, 18, 23

Racismo 24, 202, 204, 261, 262, 263, 264, 265, 266, 267, 268, 269, 270, 302, 304

Realismo 32, 148, 154, 226

Relações de gênero 173

Renato Almeida 17, 18, 19, 20, 21, 22, 24

Resistência 3, 101, 102, 103, 104, 106, 114, 120, 136, 138, 174, 181, 232, 235, 236, 240, 242, 246, 275, 278, 302, 310

Romance indianista 173

S

Santo Amaro 50, 51, 53, 55, 57, 58, 61, 63, 64, 65

Simone de Beauvoir 173, 182

Super-heróis 66, 67, 68, 75

U

Ungulani Ba Ka Khosa 133, 134, 138, 139, 140

V

Vergílio Ferreira 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 162, 165, 171, 172

Vida 9, 14, 19, 20, 21, 26, 27, 31, 34, 41, 46, 48, 52, 53, 55, 56, 57, 60, 61, 64, 65, 66, 67, 70, 76, 80, 82, 83, 85, 86, 88, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 111, 112, 113, 114, 117, 118, 119, 121, 125, 127, 129, 130, 135, 136, 143, 145, 147, 148, 149, 151, 152, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 162, 163, 164, 165, 167, 168, 169, 170, 171, 173, 175, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 185, 186, 187, 189, 190, 191, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 202, 203, 205, 208, 209, 210, 212, 213, 217, 221, 224, 225, 226, 227, 232, 238, 242, 243, 244, 245, 247, 250, 266, 269, 272, 273, 279, 283, 284, 297, 301, 302, 303, 306, 308

W

Woody Allen 25, 26, 27, 33, 34, 39, 40, 41, 42

LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES: CULTURAS E IDENTIDADES 3

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

Atena
Editora

Ano 2021

LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES: CULTURAS E IDENTIDADES 3

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

 **Atena**
Editora

Ano 2021